

Indicadores como ferramenta estratégica no Centro de Material e Esterilização: lacunas entre a recomendação e a prática gerencial

Indicators as a strategic tool in Central Sterile Supply Department: gaps between recommendation and management practice

Indicadores como herramienta estratégica en el Centro de Materiales y Esterilización: brechas entre la recomendación y la práctica de gestión

Fabiola Sousa de Queiroz^{1*} , Idalina Brasil² 

A qualidade nos serviços de saúde consolidou-se como prioridade estratégica nas instituições hospitalares, especialmente diante da complexidade crescente dos processos assistenciais e da necessidade de reduzir riscos relacionados ao cuidado ao paciente¹.

A qualidade em saúde ultrapassa a conformidade técnica dos processos, envolvendo a capacidade institucional de garantir assistência segura, efetiva e centrada no paciente. Nesse contexto, a segurança do paciente constitui dimensão essencial da qualidade assistencial, exigindo mecanismos sistemáticos de monitoramento e avaliação dos processos críticos².

As diretrizes atuais apontam que a qualidade assistencial está diretamente relacionada à capacidade das instituições de estruturar, monitorar e aperfeiçoar seus processos por meio de ferramentas gerenciais sistematizadas. Nesse cenário, os indicadores de qualidade destacam-se como instrumentos essenciais para mensuração do desempenho, análise de resultados e suporte à tomada de decisão, permitindo avaliar dimensões fundamentais como estrutura, processo e resultado³.

O Centro de Material e Esterilização (CME) desempenha papel estratégico na prevenção de riscos assistenciais, sendo responsável pelo processamento seguro de produtos para saúde utilizados diretamente no cuidado ao paciente. Falhas relacionadas às etapas de limpeza, preparo, desinfecção ou esterilização podem comprometer a segurança assistencial

e contribuir para eventos adversos e Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde IRAS⁴.

Apesar da relevância estratégica do CME dentro das instituições hospitalares, observa-se que muitos serviços ainda concentram sua gestão em aspectos predominantemente operacionais e produtivos, com limitada utilização de ferramentas gerenciais voltadas para a análise de desempenho e melhoria contínua dos processos de trabalho. Nesse contexto, os indicadores de qualidade assumem um papel fundamental, pois possibilitam o monitoramento sistemático dos processos, identificação de não conformidades, rastreabilidade em todas as etapas de processamento e suporte à tomada de decisão baseada em dados³.

Na prática, existe uma lacuna significativa entre a recomendação e a efetiva incorporação dos indicadores como ferramentas de gestão no CME. Em muitos serviços, os indicadores são definidos, porém não são monitorados de forma sistemática, tampouco utilizados para subsidiar análises críticas e tomada de decisão. Essa desconexão fragiliza a governança dos processos e compromete a capacidade institucional de identificar oportunidades de melhoria, implementar ações corretivas e sustentar a qualidade ao longo do tempo. Estudo recente que analisou indicadores de qualidade no processamento de produtos para saúde evidenciou níveis insatisfatórios de conformidade em diferentes etapas do processamento, incluindo limpeza, preparo e esterilização, reforçando que a existência de indicadores não garante

¹Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação – Salvador (BA), Brasil.

²Universidade de São Paulo – São Paulo (SP), Brasil.

*Autora correspondente: fa.sq@hotmail.com

Recebido: 27/05/2026. Aceito: 08/06/2026

<https://doi.org/10.5327/Z1414-44251124>



Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos de licença Creative Commons Atribuição 4.0.

sua efetividade na prática⁵. Esses achados convergem com outras investigações que destacam a necessidade de estruturar indicadores sensíveis à prática assistencial, capazes de refletir, de forma fidedigna, a qualidade das atividades desenvolvidas no CME⁶.

Entre os principais desafios relacionados à utilização de indicadores no CME destacam-se a ausência de cultura organizacional voltada para a gestão da qualidade, a limitação do conhecimento técnico sobre análise de dados e a priorização de demandas estritamente operacionais em detrimento das ações estratégicas de melhoria contínua. Em muitos serviços, os indicadores ainda são percebidos como exigências administrativas, e não como instrumentos para a qualificação dos processos e o fortalecimento da cultura de segurança³.

Adicionalmente, fragilidades nos sistemas de rastreabilidade, insuficiência de recursos tecnológicos, escassez de profissionais capacitados e baixa integração entre o CME e os núcleos institucionais de qualidade comprometem a utilização efetiva dos indicadores. Essa realidade limita a avaliação dos processos e dificulta a implementação de ações preventivas e corretivas fundamentadas em dados confiáveis².

As evidências reforçam que a implementação sistematizada de indicadores de qualidade está associada à melhoria significativa dos resultados operacionais, incluindo aumento das taxas de conformidade, redução de falhas nos processos e maior eficiência no fluxo de trabalho⁷. Entretanto, esses benefícios dependem da capacidade institucional de incorporar os indicadores à rotina gerencial e utilizá-los como base para intervenções estratégicas.

Outro aspecto relevante refere-se à persistência de modelos de gestão que privilegiam avaliações pontuais e retrospectivas,

centradas em resultados finais, em detrimento do monitoramento contínuo dos processos. Esse modelo limita a capacidade de identificação precoce de desvios e reduz a efetividade das ações corretivas. A literatura evidencia que abordagens baseadas no controle de todo o processo são mais eficazes na promoção da qualidade e na prevenção de riscos⁸. Nesse contexto, os indicadores de qualidade devem ultrapassar a função meramente descritiva e assumir papel estratégico na gestão do CME. Sua efetividade depende da definição de objetivos claros, da análise sistemática dos dados e da capacidade institucional de transformar informações em ações concretas voltadas à melhoria dos processos.

Portanto, a gestão baseada em indicadores no CME transcende a dimensão operacional e assume papel estratégico na qualidade assistencial e segurança do paciente. Embora existam diretrizes regulatórias e recomendações técnico-científicas consolidadas, ainda persistem lacunas entre o que é preconizado e sua incorporação à rotina institucional. Essa desconexão reforça a necessidade de reconhecer o CME como setor estratégico diretamente relacionado aos desfechos assistenciais.

Finalmente, a implementação de indicadores não deve ser compreendida apenas como uma ferramenta de controle, mas como instrumento de inteligência organizacional capaz de antecipar riscos, identificar fragilidades nos processos de trabalho, promover rastreabilidade e subsidiar decisões fundamentadas em evidências. A ausência dessa perspectiva contribui para a manutenção de modelos reativos de gestão, centrados na correção de falhas já estabelecidas, em vez da adoção de práticas preventivas e sustentadas pela melhoria contínua.

REFERÊNCIAS

1. Donabedian A. The quality of care. How can it be assessed? JAMA. 1988;260(12):1743-8. <https://doi.org/10.1001/jama.260.12.1743>
2. World Health Organization. Global patient safety action plan 2021-2030: towards eliminating avoidable harm in health care [Internet]. Geneva: World Health Organization; 2021 [cited 2026 May 8]. Available at: <https://iris.who.int/server/api/core/bitstreams/a28c34c0-089c-4f5d-a0b1-5d9c35a3cd67/content>
3. SOBECC. Diretrizes de práticas em enfermagem perioperatória e processamento de produtos para saúde. 8th ed. São Paulo: SOBECC; 2021.
4. Brasil. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RDC n. 15, de 15 de março de 2012. Dispõe sobre os requisitos de boas práticas para o processamento de produtos para saúde e dá outras providências. Diário Oficial da União. 2012.
5. Pontes D, Munari DB, Costa DM, Pereira PPS, Sousa ET, Tipple AFV. Indicadores de qualidade para o processamento de produtos para saúde: estudo de método misto. Rev Lat Am Enfermagem. 2024;32:e4135. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.6766.4135>
6. Hu R, Chen Y, Hu J, Yi L. Establishing nursing-sensitive quality indicators for the central sterile supply department: a modified delphi study. Qual Manag Health Care. 2024;33(4):253-60. <https://doi.org/10.1097/QMH.0000000000000418>
7. Jing W, Mu Y, Cai Y. Central sterile supply department (CSSD) management quality sensitive index constructed by management mode under the guidance of key point control theory and its effect on CSSD management quality: a retrospective study. Ann Palliat Med. 2022;11(6):2050-60. <https://doi.org/10.21037/apm-22-594>
8. Wang F, Zhao N. Value of whole-process quality control management in central sterile supply department nursing practice and nosocomial infection prevention. Pak J Med Sci. 2026;42(3):588-93. <https://doi.org/10.12669/pjms.42.3.13511>